

Os desafios da educação

Educação

JORNAL DE BRASIL
OSWALDO SAENGER

11 ABR 1990

No momento em que o presidente Fernando Henrique Cardoso chega aos Estados Unidos com o objetivo de incrementar as relações diplomáticas entre os dois países e debater questões específicas relativas ao nosso desenvolvimento, olhando para a deplorável realidade do ensino no Brasil, esta situação é mesmo de fazer corar qualquer governante. As estatísticas, quando existentes, são profundamente vexatórias quando as comparamos com a performance do Primeiro Mundo, e até mesmo com os nossos vizinhos mais próximos.

Para que se tenha uma noção mais exata da gravidade do problema, basta assinalar que a educação brasileira obtém desempenho apenas comparável ao de países da África — sabidamente o continente de maior carência do planeta. A confiável Unesco revela que de cada 100 alunos que ingressam em nossas escolas, apenas 39 concluem o primário. Estamos próximos do pobre Angola — onde esse índice chega a 34%, e ainda muito longe dos EUA, que é de 98%. Mas não precisamos ir tão distante: no Uruguai, 94% concluem o primário; em Trinidad e Tobago, 89%; na Venezuela, 86%; no México, 80%; no Paraguai, 70%, e na Colômbia, 56%.

É compreensível, portanto, a ênfase com que o presidente Fernando Henrique tem se referido a essa crucial área para o crescimento nacional, proclamando a educação como prioridade número um do seu Governo. De fato, estamos muito atrasados, e é preciso chegar na frente.

No que compete ao segmento da escola particular, cuja responsa-

bilidade cresceu muito nos últimos anos tendo em vista a situação de abandono a que ficou relegado o ensino público, importantes ações se desenvolvem com vistas a permanente melhoria do nível da escolaridade. Há dois aspectos que têm merecido a mais apurada atenção dos educadores: a adoção de adequadas técnicas de gerenciamento e a constante melhoria da qualidade.

Quanto a esse último aspecto, estamos convencidos que a luta pela qualidade na educação é um processo que expressa a necessidade da Nação. A escola anacrônica é a negação da esperança, e todos precisamos agir na correção dos rumos. Tendência não é destino. É preciso influir. Saber mudar e mudar para melhor. Somente com a consciência clara de suas responsabilidades sociais, a escola poderá superar as dificuldades e inaugurar novos caminhos.

A qualidade total traz desafios à escola na medida em que estimula habilidades e redefine atitudes diante das crescentes demandas da sociedade. A proposta é resolver problemas crônicos e promover avanços, substituindo a perplexidade diante das novas exigências sociais e tecnológicas pela ação cooperativa e eficiente.

A preocupação com a qualidade se traduz essencialmente na busca de técnicas mais eficientes para motivar, ensinar, fixar e medir a aprendizagem. Muito mais do que simples obrigação, é uma determinação neste momento de transição política e econômica. Os educadores demonstram preocupação com os destinos do País e sabem que as soluções que o Brasil requer pas-

sam por suas mãos. Reafirmam, com esse posicionamento em defesa da melhor qualidade de vida, o direito constitucional a uma educação transformadora das pessoas e da sociedade.

Por todos estes fatos, a ninguém neste País é permitido deixar de participar da aliança família/governo/empresa/comunidade que se propõe a garantir a construção de um Brasil mais fraterno e solidário. A visão da excelência da educação é causa comum, digna de mobilizar a sociedade brasileira e obter a adesão geral. Da parte dos educadores há plena consciência de que há muito que ser feito no que diz respeito ao compromisso individual de trabalhar de modo solidário, responsável e positivo, para a reconstrução do sistema nacional de ensino — tanto no que se refere a aspectos físicos e materiais, como morais e filosóficos.

Chegou o tão almejado momento de compreendermos que só a educação é capaz de sustentar o salto de qualidade do Brasil para novos patamares de cultura e civilização, à luz de um modelo construído por todos e revelador de uma nova ordem social mais justa, mais humana e mais contemporânea — modelo este que compete à sociedade e ao Governo realizar em parceria a serviço da Nação. Todos sabemos, pois, que a batalha do futuro se perde ou se ganha em cada sala de aula deste País. Torna-se indispensável estimular a criatividade e valorizar a contribuição de cada um intervir e mudar tendências. É esse o objetivo prioritário hoje dos educadores.

■ Oswaldo Saenger é presidente da Federação Interestadual das Escolas Particulares (Fiep)